

GÊNERO E RAÇA: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA FEMININA NA CAPOEIRA DA CIDADE DE OEIRAS – PI (2014-2023)

Thainá Rodrigues da Silva¹
Diná Schmidt²

RESUMO: Essa pesquisa tem como objetivo compreender a presença e a trajetória das mulheres na capoeira a partir das narrativas de Gênero e Raça em Oeiras, Piauí no recorte temporal de (2014-2023). Buscamos apresentar concepções que são criadas sobre a presença das mulheres nos grupos de capoeiras a partir dos estereótipos que são inseridos na sociedade. Através das narrativas das entrevistas que foram realizadas com mulheres capoeiristas, desenvolvemos uma pesquisa sobre Gênero e Raça, onde dialogamos sobre essas concepções. Logo, discutimos com alguns autores como, Joan Scott que dialoga sobre perspectivas de gênero, Alex Ratts que dialoga com as questões sobre raça e a vida de Beatriz Nascimento e Patrícia Hill Collins que discute sobre a interseccionalidade. Na metodologia, buscamos trabalhar com história oral, memória e identidade desenvolvidas a partir das narrativas dos autores Verena Alberti e Michel Pollak. Portanto, a partir das narrativas criadas, foi possível identificar a importância da presença das mulheres nos grupos de capoeiras e em movimentos que existem dentro das sociedades. Além disso, a pesquisa nos mostrou como a presença feminina nos grupos de capoeira contribuem para as desconstruções patriarcais que surgem através dos conceitos de Gênero e Raça.

Palavras chaves: Capoeira; Raça; Gênero; Oeiras.

1. Apresentação

A presente pesquisa tem como principal objetivo compreender a presença e a trajetória das mulheres na capoeira, a partir de suas narrativas, em Oeiras, Piauí. Nesta pesquisa, mostraremos a trajetória e a importância da presença feminina nos grupos de capoeira, partindo das discussões sobre Raça e Gênero. Buscaremos dar visibilidade às mulheres que são importantes para a capoeira em Oeiras. Nessa perspectiva, a capoeira carrega consigo uma história cheia de desencontros e falar sobre como aconteceu o seu desenvolvimento torna-se relevante para compreender o tema da pesquisa e para entendermos o percurso até fazer parte da cultura brasileira hoje reconhecida mundialmente.

O interesse em estudar sobre essa temática surgiu através do pouco conhecimento sobre a história da capoeira e por já ter participado de um grupo de capoeira na cidade na qual resido, Tanque do Piauí. A minha participação na capoeira se deu através de um projeto o qual fazia parte e a partir dos conhecimentos obtidos ao participar desse projeto despertou-me um interesse em falar sobre a cultura da capoeira, em especial a trajetória e participação das mulheres na capoeira.

¹ **Autora do trabalho.** Estudante do VIII Bloco do curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Possidônio Queiróz, Oeiras. E-mail: thainasilva@aluno.uespi.br.

² **Orientadora do trabalho.** Docente do curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Possidônio Queiróz, Oeiras-Piauí. E-mail: dinaschmidt@ors.uespi.br

A pesquisa foi desenvolvida no recorte temporal entre 2014 a 2023, sendo 2014 um marco para capoeira, pois, foi quando a capoeira foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial da humanidade pela UNESCO. Portanto, abordaremos sobre a trajetória e a presença feminina na capoeira a partir dos paradigmas existentes dentro da sociedade oeirense dentro do recorte temporal de 2014 a 2023. Em análise, desenvolvemos uma pesquisa através das narrativas que surgiram sobre a presença das mulheres nos grupos de capoeira partindo das perspectivas de Gênero e Raça, em Oeiras, Piauí.

Apresentaremos os relatos orais que trazem histórias das mulheres na capoeira, abordando questões de como essas mulheres se sentem partindo a partir dos pontos de vista criado através dos rótulos nas quais são inseridas dentro da sociedade oeirense. Portanto, a pesquisa contribuirá para mostrar a trajetória de mulheres dentro da capoeira em Oeiras, como também para quebrar os paradigmas existentes sobre a presença feminina nos grupos de capoeira, para isso, refletiremos sobre as trajetórias e atuações de três praticantes do grupo de capoeira “Pro Capoeira Feminino” fundado em 2022 em Oeiras Piauí, que surgiu a partir do grupo geral, o "Pro Capoeira" de Oeiras, que, na verdade, é um programa de ensino e aprendizagem da Arte da capoeira em Oeiras, onde são apresentados elementos da Capoeira Regional, com características contemporâneas tanto em suas práticas de jogo e musicalidade. O grupo surgiu de um grupo de profissionais capacitados e formados, com valores morais e éticos de dentro da capoeira. Os principais objetivos do grupo, é reunir pessoas dentro de um único sistema, desenvolvendo sensibilidade social, cultural e tradicional, como também, realizar o aperfeiçoamento técnico e de desenvolvimento dos aspectos esportivos da capoeira para formação de atletas nas competições, dentro e fora da capoeira. O grupo que até hoje atua em Oeiras, desenvolve diversos eventos voltados para o meio cultural, com palestras temáticas, seminários de formações profissionais pedagógicas e eventos esportivos de aperfeiçoamento e competições. No geral, o grupo tem como principal objetivo em sua prática, desenvolver a inclusão por meio da capoeira.

Esta pesquisa dialoga com o fato das mulheres usarem a capoeira como espaço de luta pela igualdade, confrontando narrativas que as colocam como inferioridade ao masculino. Segundo Barbosa (2005), desde seu surgimento nos séculos XVII a XIX, a capoeira foi marginalizada e entendida como uma luta corporal, sendo assim rotulada como uma prática cultural voltada para o gênero masculino:

Se a barreira social que discriminava a capoeira como uma atividade exclusivamente masculina já foi desmoronada, pelo menos em parte, há ainda outros fatores que constituem um empecilho para que a mulher não compita com o homem em termos de igualdade numérica nos escalões mais avançados da capoeira. Algumas mulheres

se sentem desencorajadas a continuar porque acham que os homens têm mais força e domínio físico do corpo do que elas e que, portanto, competem em condições de desigualdade (BARBOSA, 2005, p.21).

Ainda segundo Barbosa (2005), a perspectiva que contribui com a menor presença de mulheres dentro dos grupos de capoeiras está relacionada à força e ao domínio físico do corpo do homem, na qual as mulheres são colocadas como inferiores a eles. Mas isso não exclui o fato da existência de mulheres na capoeira, que apesar da existência dessas desigualdades existem mulheres que se destacaram no mundo da capoeira e que contribuíram na sua construção como também tiveram participação na busca dos seus direitos e espaços, tornando-se importantes para a história brasileira.

Apesar do aumento de mulheres praticantes dentro dos grupos de capoeiras, podemos observar que ainda hoje existe uma grande diferença na participação feminina na capoeira, tendo em vista que, a grande maioria de participantes são do gênero masculino. Os fatores que certamente contribuem para a pouca presença dessas mulheres na capoeira, estão voltados a questões raciais e de gênero com base em estereótipos. Os padrões que cercam a sociedade onde as mulheres são vinculadas a estereótipos, como as expressões "mulheres vulneráveis" e "sexo frágil", sendo obrigadas a lidar com o patriarcalismo a sua volta, o que acaba influenciando diretamente na identidade feminina e consequentemente na busca pelos direitos de igualdade de gênero.

A pouca presença das mulheres na capoeira e a falta de reconhecimento das mesmas nos grupos de capoeira em Oeiras acontece em virtude das relações de poder, desigualdades, e direitos entre mulheres e homens, onde as mulheres são associadas com inferioridade em relação aos homens. Nos dias atuais, as mulheres buscam pelos seus direitos e espaços dentro de uma sociedade preconceituosa e machista que na maioria das vezes as negam seus devidos lugares. Na capoeira não seria diferente, pois é nítido a pouca presença feminina na prática onde as mulheres não têm os mesmos direitos de lazeres e participação em atividades culturais como devem ter. Podemos destacar um dos motivos da pouca presença feminina na capoeira, as obrigações socialmente atribuídas a essas mulheres, como atividades domésticas e da maternidade.

Observa-se ainda nos grupos de capoeiras presentes em Oeiras o grande diferencial em questão da quantidade de grupos de capoeiras femininas e grupos de capoeira masculino, onde a maioria das formações dos grupos de capoeiras são compostos e liderados por homens. Por mais que nesse meio dos praticantes homens há presenças de mulheres que tenham as mesmas habilidades e representações na capoeira, as mulheres não têm o seu devido reconhecimento. O

que de fato nos permite buscar quais as possíveis barreiras dessas mulheres dentro dos grupos de capoeiras em Oeiras.

Edimara Araujo (2021) afirma que a desvalorização da prática cultural da capoeira em Oeiras está diretamente ligada a questão da sua origem que além de ser uma prática de cultura afro-brasileira, fez-se presente na luta antirracista praticada pelos povos negros, que até então desde sua criação foi discriminada:

Outro ponto considerável a ressaltar é a questão do preconceito voltado para os praticantes de capoeira, em que essa arte desde a sua criação foi discriminada, criminalizada pela sociedade. Este preconceito é estabelecido por questões étnicas raciais na sociedade, em que a cultura da capoeira não foi valorizada por ser criada pelo povo negro. Em Oeiras não foi diferente, pois muitos da sociedade Oeirense não aceita a capoeira como uma cultura valorizável, não tinha essa concepção de que a capoeira é uma cultura que tem muito a oferecer para os seus praticantes (ARAUJO, 2022, p. 11).

Entendemos que ao longo da sua história a capoeira foi discriminada, passando recentemente por um processo de reconhecimento e valorização. Mas, apesar da capoeira ter ainda hoje questões de gênero e raças, são pautas que motivam a desvalorização da prática.

A pesquisa foi estruturada da seguinte maneira, a partir das referências bibliográficas, apresentaremos a historicização da capoeira, falando um pouco sobre sua trajetória de reconhecimento e trazendo alguns marcos históricos e algumas mulheres que se destacaram na capoeira nos séculos XVII a XIX. Desenvolvemos algumas questões teóricas e metodológicas de conceitos que percorrem a temática, em seguida, discorreremos sobre o processo realizado na criação da fonte oral, partindo para o diálogo com as entrevistadas a partir dos conceitos de raça e gênero baseado nos paradigmas e estereótipos que percorrem a sociedade.

De acordo com Collins e Bilge (2020), quando vivemos em sociedade achamos que estamos convivendo em um meio de condições de igualdade. Mas, o que de fato acontece, é que as divisões de poder entre gênero e raça é que dominam as sociedades na qual estamos inseridas. Para elas, na concepção de interseccionalidade existe um certo pertencimento a um determinado grupo, o que consequentemente faz com que as pessoas sejam alvo a sofrerem determinado preconceito.

Como vivemos em uma sociedade de diferentes identidades, podemos contornar essas situações de preconceito que vivenciamos. Um exemplo deste preconceito, é quando mulheres e homens constantemente são inseridos desigualmente nos meios sociais. Quando se diz respeito a questão da raça se refere as pessoas são postas em uma sociedade desigual partindo das diferenças das características físicas, principalmente negros e mulheres. Se tratando de

mulheres, como forma de resistência às opressões, criaram o movimento feminismo. Portanto, no contexto da interseccionalidade refletem a uma análise sobre os conceitos de raça e gênero.

Para dar sustentação à análise da presença feminina na capoeira, em Oeiras-PI, utilizamos entrevistas concedidas por três mulheres que participam ativamente do grupo na cidade, são elas: Maria Graciele Sousa Carvalho, professora de Língua Portuguesa, Luiza Márcia Silva Sousa formada em Química e Lara Fernanda Nascimento técnica em Guia de Turismo. Pode-se perceber o quanto de preconceito e também resistência essas mulheres enfrentaram para que suas trajetórias não fossem desfeitas. Além disso, para compreender os relatos orais nos apoiamos nas bibliografias de Verena Alberti (2005) e Michel Pollack (1998), importantes referências que discutem os principais elementos que constituem a história oral e memória.

2. Historicização da Capoeira

A capoeira, conhecida como uma manifestação afro-brasileira, é uma prática cultural de origem negra e de acordo com várias abordagens sobre sua origem, pesquisadores relatam que a sua chegada no Brasil foi através de negros escravizados. Os significados que atribuem à capoeira variam de acordo diferentes discursos criados ao longo de sua história, como descreve (LEAL; OLIVEIRA, 2009, p.44) “A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em sua relação com o Estado brasileiro”.

Para o autor, durante o século XIX até as três primeiras décadas do século XX, a capoeira sempre esteve associada ao mundo do crime. O que dificultava o seu reconhecimento como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira. O contexto histórico da capoeira é muito significativo no que diz respeito à História sociocultural. Sobre sua origem, existem diversas perspectivas de como surgiu essa prática cultural, inclusive que a capoeira surgiu como forma de resistência, isto é, a prática da capoeira era usada para reagir às forças de dominação da classe senhorial onde os escravizados usavam suas práticas corporais para se defenderem de seus senhores ao tentar se refugiarem.

Antes de não ser aceita como prática cultural, a capoeira passou por um processo de marginalização. Por volta de 1890, foi vista como uma luta violenta e associada a luta dos negros que naquele contexto era considerado pelos europeus uma raça inferior na sociedade. Em um dos momentos históricos a capoeira no Brasil foi dita como um crime previsto no código penal de 1890, no art.402, pois quem fosse pego praticando a capoeira ou ferissem alguém praticando a capoeira eram castigados pelas autoridades (ARAÚJO, 2021, p.13).

Diversos pesquisadores do campo da historiografia buscaram analisar pontos de vistas criados que partiram da origem da capoeira, em decorrência de ter surgido dentro do contexto da escravidão. Em razão disso, o estudo da capoeira está diretamente ligado à resistência à escravidão. Consequentemente, surgiram contextos sobre a resistência afro-brasileira que se insere aos escravizados negros e indígenas, mostrando diferentes formas de manifestações que visavam buscar pelos seus direitos de igualdade. “Sobre a verdadeira origem da capoeira, muitas são as divergências existente entre os pesquisadores, sobretudo o que se sabe é que história da capoeira está intimamente ligada aos negros no Brasil” (FONTOURA, et al, 2008, p.149).

De acordo com Araújo (2021), dentro os diversos contextos da cultura da capoeira, ela foi construída por meio do contato e das resistências construídas pelos povos africanos escravizados trazidos ao Brasil. Esses povos africanos em contato com a experiência escravista formaram a cultura da capoeira decorrente a resistência a partir das opressões sofridas durante o processo da escravidão. Ainda hoje, falar sobre a historicização da capoeira, dificulta nosso entendimento a partir da ausência de fontes referentes aos negros escravizados.

A capoeira desde seu surgimento teve sua origem muito discutida, por sua raiz negra. Por esta raiz a capoeira também foi por muitos anos marginalizada. A sociedade e os poderosos viam a capoeira como luta de malandro, coisa de negro, os quais eram considerados como raça inferior. A luta dos negros seguia seu curso sempre em meio as perseguições, repressões, proibições (GOME; ROQUE; NAKAMURA, p.145, 2023).

De acordo com os autores Gome, Roque e Nakamura (2013), entre os pontos de vista mais discutidos por estudiosos e autores sobre sua originalidade, são as teorias sobre a capoeira africana, brasileira e afro-brasileira, sendo a última a mais defendida e aceita. Para os autores, os negros africanos ao saírem do continente africano e cruzar o Atlântico, sofreram fortes opressões fazendo com que os mesmos se revoltassem contra seus capitães e se refugassem nas matas onde formavam os quilombos de onde surgiu o grande representante da raça negra, Zumbi dos Palmares.

Foi nesse contexto que a capoeira surgiu, partindo da luta corporal utilizada pelos negros escravizados para serem libertos das opressões de seus senhores onde eles utilizavam instrumentos em harmonia com a prática da capoeira, um certo disfarce para que seus senhores não percebessem do que realmente se tratava, fazendo com que os senhores acreditassem que aquela prática seria apenas uma dança da cultura negra a qual eles repudiavam, mas, mesmo assim, a capoeira e sua musicalidade só cresciam e se fortaleciam aos negros. A capoeira foi criada no Brasil pelos negros escravizados vindos da África como forma de resistência as diversas violências cometidas pelos opressores, ou seja, uma manifestação afro-brasileira.

A capoeira foi reconhecida na sociedade por três estilos diferentes, como a Capoeira Angola, Regional e Contemporânea. Sendo a Capoeira Angola caracterizada por um jogo lento, malicioso e com forte ligação ritualística e misticismo de acordo com a cultura negra. A capoeira Regional tratava-se de um jogo rápido e também malicioso, só que menos voltado para o ritualístico, era mais acrobacias e combates. O criador desse estilo de capoeira foi o famoso capoeirista negro baiano Mestre Bimba, que também foi um grande contribuinte na capoeira. E, atualmente é conhecida como Capoeira Contemporânea, novo estilo adotado pelos praticantes da capoeira regional. Esse estilo é voltado para um jogo de ataque, esquivas, cheio de acrobacias, sem intenção de agredir o adversário, mas sim fazer um jogo de capoeira baseado na dança, no esporte, na luta, na música e na cultura (GOME, ROQUE, NAKAMURA, 2013, p.148-149).

Segundo os autores Figueroa e Silva (2014), na época do Brasil Colônia, no século XVII, algumas mulheres ficaram conhecidas na capoeira pela sua bravura, por suas lutas de resistência na República do Quilombo dos Palmares. Dandara foi esposa de Zumbi e mãe de três filhos, atuou com táticas e estratégias de guerra e lutou em Palmares, local onde haviam várias mulheres que jogavam capoeira no século XVII. Essas mulheres certamente foram silenciadas na história da capoeira: “Os corpos femininos foram excluídos da prática da capoeira nos capítulos da história, deixando a cabo de um patriarcado/machista, como todas as lutas/artes marciais” (FERREIRA, 2016, p.36). Importante ressaltar que a capoeira em Palmares trata-se de uma tradição oral constituída dentro do movimento negro, não havendo outras evidências que apontem para sua presença neste quilombo.

Teresa do Quariterê, foi mulher de José Piolho, chefe do Quilombo do Piolho em Mato Grosso, quando seu marido faleceu, ela que ficou no comando do Quilombo. A Aqualtune, considerada a princesa do Congo onde liderou um exército de homens do qual fazia parte na linha de frente de uma batalha para defesa de seu reino, foi derrotada e levada como escravizada para Recife.

Na história mais recente, entre os anos 1940-1960, destacam-se algumas precursoras na arte da Capoeira, que foram Calça-Rala, Satanás, Nêga Didi e Maria Pára o Bonde, das quais algumas tiveram que disfarçar-se de homens para poder frequentar o ambiente masculino das rodas de Capoeira (Menezes, s/d; apud Figuerôa e Silva, 2014, p.19).

Barbosa (2005) afirma que há um certo benefício dos homens quando há uma associação de que a capoeira tem uma longa tradição masculina e em seu contexto há uma grande massa de referências de mestres homens, o que de certa forma influencia para os modelos das gerações futuras, mesmo sabendo sobre algumas mulheres do alto escalão da

capoeira, como por exemplo, as mestras e contra-mestras (Edna Lima, Suelly, Fátima Colombiana, Márcia “Cigarra,” Marisa Cordeiro, Janja e Paulinha).

Mulheres essas que somente nas últimas décadas começaram a ganhar um certo reconhecimento e isso não anula o fato de que são poucas as referências de mulheres nessas publicações, como explica (BARBOSA, 2005) em sua fala, “As referências a mulheres capoeiristas são esparsas e de pouco vulto e não há uma análise sistemática da sua participação ativa nos círculos de capoeira”.

Outro marco histórico da capoeira, aconteceu em 2008 no Brasil, quando ela foi tombada como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e em 2014 tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Aos poucos a capoeira foi conquistando seu espaço, ganhando reconhecimento em todo território brasileiro e atualmente a capoeira é considerada uma das maiores práticas culturais. Nos últimos anos, a capoeira vem ganhando um certo reconhecimento através de publicações pelo seu importante processo histórico.

Partindo desse processo histórico da capoeira, é importante também destacar a origem da capoeira na cidade de Oeiras, falando um pouco como se deu o início dessa prática cultural e como a sociedade oeirense reagiu com sua chegada, como destacado Araújo (2021):

Então ao analisarmos essa questão de preconceito com a capoeira, podemos entender que quando iniciou a capoeira em Oeiras, a população tinha essa concepção preconceituosa enraizada, assim praticavam preconceitos com os capoeiristas. Mas atualmente em 2021, podemos perceber que a sociedade já aceita, pelo menos parcialmente, a capoeira, admira a cultura, muitos participam de eventos, colocam seus filhos ou netos na capoeira (ARAÚJO, 2021, p.13).

Em sua análise, Araújo (2021) descreve que a capoeira chegou em Oeiras em 1980 após uma apresentação da prática cultural de um mestre que estava de passagem na cidade, o que motivou a curiosidade da população na prática na capoeira. Em 1984, foi criado o primeiro grupo de capoeira, que foi chamado Grupo Zumbi, criado por amigos que não tinham formação na prática da capoeira.

Após a criação do grupo, começaram a ministrar aulas para os jovens de Oeiras e das localidades próximas a Oeiras. Até então, a prática da capoeira não tinha apoio público, uma vez que não havia local para ser praticada, além das dificuldades financeiras do meio, o que dificultava para o aprimoramento dessa prática, pois não havia alguém com a alta habilidade nessa prática cultural, a não ser o grupo de amigos que se interessaram pela prática.

Outra questão colocada foi sobre os preconceitos relacionados aos praticantes da capoeira, da forma em que ela era vista pela sociedade oeirense partindo de sua criação, quando a cultura foi criminalizada e desvalorizada pela sua origem. Da mesma forma aconteceu em

Oeiras, quando parte da população não aceitava a capoeira como uma prática cultural de valor. Portanto, em seu entendimento, a capoeira em Oeiras se estabeleceu em meio de resistência e luta, uma vez que as narrativas sobre a capoeira sobre a concepção religiosa, étnica racial, onde ela observa que esse preconceito é enraizado da cultura e está ligada a seu contexto histórico, por ser de origem dos povos negros.

Foi a partir dessas narrativas sobre a capoeira que os capoeiristas de Oeiras buscaram formas para que a capoeira tivesse uma maior aceitação, de forma em que esses pensamentos sobre a capoeira fossem excluídos e fizessem com que essa arte fosse mais valorizada. Portanto, eles utilizaram métodos para divulgar a prática da capoeira em Oeiras e nas localidades próximas a Oeiras, com intuito de um alcançar um número maior de praticantes na capoeira.

...os capoeiristas de Oeiras inventaram formas de superar dificuldades para conseguir fazer sua arte. Os integrantes começaram a divulgar a capoeira em todo o território da cidade de Oeiras alcançando muitos indivíduos nesses territórios fazendo com que os grupos pertencentes em Oeiras pudessem alavancar os seus grupos e conquistar mais espaços na sociedade. (ARAÚJO, 2021, p.12)

Com isso, somente nos últimos anos, podemos perceber uma maior aceitação da prática da capoeira e um aumento de praticantes em Oeiras e no mundo. Nessa prática cultural, também podemos observar o apoio vindo dos órgãos públicos nas organizações dos eventos que acontecem na prática da capoeira. A presença da capoeira em Oeiras significou também a construção da identidade das pessoas que muitas vezes estavam sem nenhuma perspectiva de vida, trabalho, através dos projetos sociais realizados na cidade através dessa prática cultura foi possível estabelecer ações de melhorias de vidas dos indivíduos que eram grande parte pobres e negros.

Ao falarmos sobre a capoeira e a presença da mulher na capoeira, não podemos deixar de falar sobre o discurso do patriarcalismo e as relações de gênero, destacando o papel das mulheres na sociedade. Portanto, através das análises de Elisalice Silva, entenderemos como se dão as relações de gênero e do patriarcalismo em Oeiras. Em sua análise feita ao jornal *O Cometa*, ela afirma que, em Oeiras Piauí, o jornal era responsável pelas divulgações das reivindicações que eram feitas pelas mulheres em Oeiras. O jornal também contribuía para a criação das ideias criadas a partir das mentalidades patriarcais (SILVA, 2021, p.26).

Desta forma podemos observar, que até hoje os meios sociais contribuem com isso. De acordo com Elisalice Silva (2021), outro grande fator contribuinte para as diferenças de papéis de gênero, está ligada Educação feminina no Piauí, que é voltada para uma certa preparação da mulher, onde algumas questões são colocadas diretamente a vida da mulher, como preparar a mulher para o casamento, para o ambiente doméstico e o preparo de ser mãe e

esposa, algo que seria de passado de geração de mãe para filha. Ao relacionar as mulheres aos ambientes privados de acordo com que a sociedade quer que ela ocupe é o que diferencia o currículo escolar do gênero feminino e masculino.

Silva (2021) destaca também a valorização das profissões dada aos homens, como ser professor universitário ou bancário, enquanto as mulheres são postas outros adjetivos conforme menciona o jornal O Cometa. Ela ainda destaca que o casamento em sua configuração é um dos maiores causadores do sistema patriarcal, uma vez que o casamento dá uma relação de poder ao homem maior do que à mulher, colocando o homem a uma certa responsabilidade sobre a família e no financeiro. A autora evidencia, a partir do jornal O Cometa, como essas ideias foram disseminadas na sociedade oeirense. As mulheres eram instruídas como a mãe educadora, uma vez que seu papel era apenas educar os filhos uma vez e também eram relacionadas a donas de casa, as mulheres muitas vezes precisavam escolher entre sua profissão e seu casamento, por exemplo, quando professora, exigiria muito tempo aos alunos e isso poderia acabar atrapalhando em suas atividades sociais, quando são relacionadas, "A dona de casa, a mãe e a esposa." Pois quando escolhiam trabalhar perdiam o direito de ter uma família.

O patriarcalismo está em todos os segmentos da sociedade se fazendo presente também na religião, aspecto muito significativo da sociedade oeirense. Neste contexto, as mulheres são proibidas de realizarem e participarem de determinadas comemorações, onde a figura masculina é o único apto a realizar determinada tarefa. Márcia Araújo (2022) aponta em suas análises sobre a participação feminina na procissão do fogaréu na cidade de Oeiras, evidenciando que tanto homens como mulheres concebem de forma natural essa festividade onde somente os homens podem participar. A autora afirma que essa ausência da mulher foi algo construído ainda no período da colonização, as mulheres tinham/tem que acompanhar a procissão de longe. Na cidade de Oeiras isso se faz presente até os dias atuais, as mulheres não têm o direito de participar da procissão do fogaréu.

A figura feminina historicamente foi vista com maus olhos, como alguém não digna de participar da vida social e que levava o homem ao caminho do mal. Na sociedade brasileira elas eram impedidas de participarem de qualquer atividade. À mulher estava reservado apenas os afazeres domésticos, cuidar dos filhos e satisfazer o marido. Percebe-se que em seguimentos religiosos, sociais e econômicos o feminino não fazia parte e as poucas atividades que participavam tinha que cumprir uma série de questões para haver a permissão.

3. Referencial Teórico e Metodológico:

No presente trabalho de pesquisa, buscamos desenvolver uma análise sobre os conceitos de gênero e raça em contexto com o patriarcalismo. Para melhor entendermos sobre a história das mulheres acerca de sua trajetória e presença na capoeira, traçaremos um percurso das mulheres nos grupos de capoeiras em Oeiras e os espaços ocupados por elas. Diante disso, serão apresentados textos teóricos-metodológicos. A autora Gerda Lerner afirma: “A negação das mulheres à própria história reforça sua aceitação à ideologia do patriarcado e destrói a autoestima individual da mulher. Tal como vivenciamos no nosso dia a dia, o patriarcado desvaloriza as experiências das mulheres” (LERNER, 2019, p.21). Ao longo do tempo o sistema patriarcal vem sendo confrontado graças às inúmeras lutas feministas, entretanto suas ideias ainda se manifestam nas sociedades contemporâneas, devido a reprodução de discursos e ideias patriarcais nos ambientes de socialização.

A interseccionalidade tornou-se uma temática importantíssima no meio social. Essa análise sobre a inter-relação entre gênero e raça na capoeira torna-se importante, uma vez que são duas teorias que integram narrativas que têm o poder de contribuir com a compreensão e enfrentamento das desigualdades sociais. E a partir das relações de poderes entre esses dois termos, discutimos os fatores que contribuem para essas desigualdades. Esses conceitos ajudam na análise interseccional, sobre essa organização de poder que está inserida na sociedade. Portanto, a interseccionalidade está entre as temáticas mais desenvolvidas como ferramenta analítica, tanto nas áreas da política, educacionais e culturais, pois essa análise serve para identificar os problemas que existem nos meios sociais. (COLLINS e BILGE, 2020, p.20)

O preconceito em relação a mulheres negras é algo que sempre existiu na sociedade brasileira. Durante o período da escravidão no Brasil, as mulheres negras eram submetidas a todo tipo de humilhação e violência possível. Elas estavam reservadas apenas a servir seus patrões. Isso também se reflete na inserção delas na capoeira, por exemplo, muitas são marginalizadas pela cor da pele e por ser mulher, gênero e raça se associam principalmente na forma como as coisas são pré-estabelecidas. Se for mulher já enfrenta uma grande barreira e se for mulher negra a exclusão se aprofunda, pois a população negra e escravizada foi por muito tempo utilizada como mão de obra barata e que eram colocados como inferiores ao branco europeu e que até hoje sofrem violências.

Através de diálogos com autoras como Alex Ratts, Beatriz Nascimento, Gerda Lerner, Joan Scott, Collins e Bilge, analisamos questões de gênero e raça. Discutimos sobre esses conceitos a partir das experiências das mulheres dentro dos grupos de capoeira, voltados aos estereótipos existentes na sociedade de Oeiras acerca da participação feminina na capoeira,

pois, ainda existem paradigmas postos pela sociedade que trazem a diferenciação racial e de gênero. Dessa forma, na capoeira esses paradigmas não seriam diferentes.

Segundo Moraes (2019), a violência de gênero que decorre na capoeira é criada a partir dos pontos de vista da reflexão científica, historicamente, por ela ser considerada uma luta masculinizada. Na capoeira é comum observar a existência de atitudes machistas, o que visivelmente oculta a participação das mulheres nessa arte. Muitas vezes esse fato acontece quando no contexto histórico da capoeira, o reconhecimento é dado somente aos homens, havendo uma ocultação na história das mulheres e essa discriminação só reforça a importância do estudo. Quando se trata da presença feminina na capoeira, os fatos que diferenciam as mulheres na capoeira estão associados nas habilidades exercidas por ambas as partes e também no físico, onde as mulheres são colocadas em papéis de não ter a capacidade de ter as mesmas habilidades que os homens na prática da capoeira:

Na prática da capoeira, os papéis sociais se confundem, na qual, por vezes, as mulheres praticantes dessa arte/luta são confundidas, taxadas, e rotuladas pelos papéis de gênero. Contudo, vale ressaltar que, desde o passado, o formato circular das rodas de capoeira, é proposital para que todos se sintam iguais e pertencentes àquele grupo como uma forma acolhedora (FERREIRA, 2016, p. 46).

Observa-se uma grande diferença entre praticantes femininas e masculino na capoeira. Diante disso, na análise feita por Ferreira (2016), é que na arte da capoeira as mulheres são confundidas, taxadas e rotuladas pelos papéis de gênero. Isso explica a pouca presença de mulheres na capoeira, pois, a capoeira muitas vezes é colocada como uma prática cultural voltada para homens, onde são os homens que ocupam a posição de destaque na prática da capoeira.

Além disso, essas formas de preconceitos vivenciadas por mulheres fazem com que elas se sintam incapazes de exercer determinadas funções baseadas na ideia de fragilidade ao qual são associadas. Os discursos feitos através das relações dos gêneros feminino e masculino influenciam na presença feminina nos espaços sociais, além de contribuir nas dificuldades encontradas na busca por uma representação. Da mesma forma acontece com o papel da mulher na capoeira (OLIVEIRA, 2023).

Do ponto de vista racial, estudamos a presença e atuação de mulheres negras nos grupos de capoeiras, e dos problemas enfrentados por elas, onde dialogamos com a fonte sobre as perspectivas de raça na capoeira. De acordo com Ratz (2006) em sua análise sobre a desigualdade racial no mercado de trabalho em específico de mulheres negras, esses sujeitos são excluídos da sociedade e dos meios sociais, portanto ela destaca dois fatores, ser mulher, e

ser mulher negra. sabemos que a origem da capoeira está inteiramente ligada a cultura afrodescendentes e aos negros.

Na perspectiva racial, a participação de mulheres negras na capoeira foi pouca, uma vez que o racismo marginaliza e desestimula a prática da capoeira no geral. É sabido que nos grupos de capoeira a maioria dos seus praticantes são pessoas negras, mas, pouco se fala sobre sua origem fora dos grupos de capoeira e sua prática cultural no contexto social. Nesse sentido, são essas desigualdades que nos permitem associarmos a prática do racismo na capoeira. O autor Ratts (2006) ressalta sobre a importância dos grandes números de contextos acadêmicos que surgem fora das universidades e ganham grande conhecimento quando os sujeitos fazem parte da temática, como por exemplo, estudar os contextos de gênero discutido por mulheres, e da raça pensada pela população dos negros(as).

4. Entrevistas e Metodologia

Antes de realizarmos o processo de produção da nossa fonte através da História Oral, o nosso primeiro passo foi definir o nosso objeto e construir o projeto de pesquisa. Pois, de acordo com Alberti (2005) o primeiro passo a se pensar, é na relação entre a pesquisa e a documentação na qual será produzida. Pois, para ela, é impossível a realização das entrevistas de história oral sem um objeto de pesquisa e sem um conhecimento prévio do que será estudado. É importante também já ter em mente os objetivos a serem alcançados e uma definição teórica.

No processo de preparação para a escolha das entrevistadas e para a produção dos roteiros das entrevistas, tive a oportunidade da minha ida aos treinos, onde fiz algumas anotações, observando como eram realizados os treinos e o que acontecia durante os treinos, como eram realizados os movimentos da prática da capoeira, as músicas cantadas por elas, as vestimentas, foi possível também observar quem tinha mais experiências com a capoeira e quais eram as suas graduações dentro da capoeira, observei isso através das cordas representadas por cores que são utilizadas pelas praticantes de capoeira. Essas cordas são utilizadas pelos praticantes de capoeira para indicar a atuação dos praticantes dentro da capoeira, se é aluno, instrutor ou mestre. Serve também para indicar os níveis de habilidade que as pessoas têm com a prática da capoeira.

Em meio essas observações feitas durante o trabalho de campo pude observar diversos fatores que se fazem presente na capoeira, como a união que existia entre as praticantes, algumas músicas cantadas por elas, pude observar que em algumas letras das músicas tinha um sentimento de luta e de resistência que se faz presente na capoeira acerca da participação das

mulheres nessa prática cultural, pude também observar, a evolução que cada umas das praticantes tinham na prática da capoeira, umas com mais tempo de prática e outras ainda em processo de aprendizado. Outro ponto foi a questão dos diferentes tipos de participantes mulheres na capoeira, em questão de idades, observei que entre esse grupo de capoeira feminino tinham praticantes que já eram mães, jovens e crianças. Isso só nos confirma que a capoeira é uma prática cultural para todos, independentemente do gênero, da raça, da cor e outros determinados fatores.

No processo da construção das fontes, utilizamos as reflexões do texto “Manual de História Oral” da historiadora Verena Alberti, que afirma, que a escolha dos entrevistados é em primeiro lugar, guiada pelos objetivos da pesquisa (ALBERTI, 2005, p.31). Em sua obra, ela descreve o percurso de como se produzir uma fonte oral. O primeiro passo a se pensar foi a quem iria entrevistar diante dos objetivos a serem trabalhados na pesquisa, ou seja, apresentar no trabalho de campo narrativas de mulheres de dentro da capoeira sempre de acordo com os propósitos da pesquisa, com relação ao tema e à questão que se pretende investigar, com isso é possível escolher o tipo de entrevista a ser realizado, seja ela, entrevistas temáticas ou entrevistas de história de vida (ALBERTI, 2005).

A confecção das entrevistas aconteceu após todo mapeamento de como seria o processo das entrevistas, que através de um roteiro pensado de acordo com o objeto de pesquisa e os objetivos. Em nosso processo de construção da História Oral, foi pensando de acordo com o que seria a temática a ser estudada, na qual ficou definido que seriam construídas três entrevistas temáticas de forma presencial com mulheres praticantes da capoeira em Oeiras, onde elas falariam sobre sua trajetória e sobre sua presença dentro dos grupos de capoeira.

Alberti (2005, p.89) afirma que “A importância da biografia do entrevistado na elaboração de um roteiro individual varia conforme o enfoque dado à entrevista, considerando-se sempre os objetivos da pesquisa”. Dessa forma, foi criado um roteiro de como aconteceria cada uma das entrevistas, nesse roteiro foram colocadas perguntas específicas de acordo com a pesquisa e com os objetivos. Foram realizadas, também, perguntas sobre a trajetória pessoal de cada entrevistada.

O segundo passo dado de tudo antes das produções da entrevista foi pensar em quem iria entrevistar de acordo com o meu objeto de estudo, pois logo pensei e entrei em contato com colegas que praticam a capoeira para dar possíveis indicações de mulheres que melhor se encaixam na pesquisa de campo. Na primeira oportunidade, meu colega indicou a professora de língua portuguesa Maria Graciele Sousa Carvalho que atualmente desenvolve um projeto

social para dar aulas de capoeira para o grupo Pró Capoeira Feminino de Oeiras, é licenciada em Letras Português e tem Pós-Graduação em Educação Física.

Esse projeto foi criado e desenvolvido pela mesma. Ao entrar em contato com a Graciele, a convidei para conversarmos e então ela me convidou para assistir ao treino da capoeira que acontecia no Instituto Criança Feliz. Na oportunidade, conversamos sobre a proposta da mesma ser entrevistada, marcamos o dia para eu ir ver o treino e deu tudo certo, conheci um pouco do projeto social dela e apresentei a minha proposta de pesquisa para ela, que logo de primeira ela já se interessou. Dialogamos um pouco sobre o seu grupo de capoeira e sobre minha pesquisa, falamos sobre os critérios da entrevista e ao final perguntei se ela aceitaria ser entrevistada. Em seguida, a Graciele falou um pouco sobre a importância da minha pesquisa e aceitou participar do trabalho de campo, pois para ela falar sobre a presença de mulheres na capoeira torna-se importante, já que os papéis das mulheres são por muitas vezes esquecidos nos contextos da historiografia.

A Lara Fernanda Nascimento Pedrosa é Graduada na capoeira, já concluiu o ensino médio e tem a formação Técnica em Guia de Turismo, demonstrou ter interesse na prática da capoeira e atualmente reside em Oeiras, onde faz parte do grupo de capoeira. A terceira entrevistada, Luiza Márcia Silva Sousa, desde criança já tinha um certo interesse na arte da capoeira, tem ensino superior completo e é formada em Licenciatura em Química. Morava em um interior de Oeiras, chamado Alagoinhas, onde começou a ser treinada aos finais de semanas por um graduado da capoeira que também morava no mesmo interior, mas fazia parte de um grupo de capoeira na cidade. Ao se mudar para Oeiras, passou um bom tempo ainda na capoeira, mas teve que parar por conta dos estudos e do trabalho e somente em 2022 voltou aos treinos onde permanece até hoje.

Na transcrição das entrevistas foi feito todo um preparo, onde utilizei fones de ouvidos para escutar os áudios com clareza e também utilizei a ajuda de um site chamado *Otanscribe* que me ajudou nas transcrições dos áudios das entrevistadas. Alberti (2005) afirma que, após a escrita do documento para consulta, haverá menos dificuldade da gravação em áudio, para ela, a leitura acontece de forma mais rápida e torna-se mais fácil para o pesquisador analisar os trechos das entrevistas que serão de seu interesse. Além disso, nas gravações das entrevistas nem sempre sairá como o esperado, pois pode haver falhas e ficar inaudível, tornando difícil o entendimento.

Depois de todo processo de trabalho de campo, confecção dos roteiros, da produção das entrevistas, transcrição, partimos para a análise das entrevistas. Analisei todas as três entrevistas separadamente, como também fiz uma análise em conjunto das três entrevistas, para

ver a possibilidade de elas serem trabalhadas conforme o meu objeto de pesquisa. Com isso, novamente, usando o material de apoio, desenvolvemos o processo de análise das três entrevistas. Nesse sentido, é muito importante após o processo de escrita das entrevistas, uma análise havendo a necessidade de repetição dos áudios das entrevistas, em conjunto com a escrita da entrevista para a conferência do documento, pois o desenvolvimento da passagem do áudio para a escrita se caracteriza em meio a recuos e evocações paralelas, repetições, desvios e interrupções. Além disso, a análise em si da história oral é importante para a questão da veracidade, quando pesquisada, uma vez que pode conter dados significativos para o uso do documento, que futuramente possa agregar em estudos (ALBERTI, 2005).

A nossa temática nos leva a estudar sobre memória, uma vez que a historicização da capoeira seja relevante para os estudos recentes. Nesse sentido, buscamos trabalhar a história oral, com três entrevistas onde dialogamos com três praticantes da capoeira, buscando construir memórias através de narrativas diferentes sobre a presença da mulher na capoeira, buscando construir memórias em coletividades sobre a importância da presença feminina na capoeira, que na concepção de Pollak (1998), o aumento das pesquisas, sobre História Oral, as entrevistas feitas a partir de histórias de vida guardam uma memória, seja ela individual ou coletiva.

Essas memórias, de acordo com o autor, muitas vezes resguardam um contexto histórico para futuros estudos, por mais que haja problemas ao interpretar o documento. Por isso a importância do áudio e da transcrição na história oral. A memória é em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, 1998, p. 04).

5. Narrativas Sobre Gênero na Capoeira:

Entre as atividades desenvolvidas mundialmente, no meio social, a capoeira vem se destacando como meio de discussões, em que por muitas vezes mulheres usam a capoeira como espaços de luta. Portanto, nesse tópico, através das perspectivas de gênero, desenvolvemos uma análise a partir das narrativas feitas nas entrevistas das praticantes de capoeira do *Grupo Pro Capoeira*³ Feminino de Oeiras-PI, sendo uma delas a professora desse grupo de capoeira e

³ Sobre o Grupo Pro Capoeira é importante ressaltar que é um grupo criado no ano de 2022 formado por mulheres, homens e crianças. Dentro desse grupo pesquisei apenas sobre a presença feminina na capoeira, por ser algo criado recentemente, não há muitas informações a respeito da sua história, é algo que ainda está em processo de construção. No entanto, com os relatos obtidos é possível fazer uma análise de forma inicial de como a mulher oeiense, praticamente de capoeira, é importante para o processo de ocupação desse espaço.

demais alunas. Desenvolveremos uma análise a partir das narrativas sobre a presença e a trajetória das mulheres na capoeira. Começaremos nosso diálogo falando sobre gênero e capoeira.

Scott (1989) afirma que o termo gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. No seu uso há várias divergências, a partir das várias formas de suposta inferiorização existente entre o sexo, quando “as mulheres têm filhos” e os homens têm uma força muscular superior, onde são criadas ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Portanto, na sociedade que estamos inseridas(os), há diversas discussões sobre o termo gênero, onde são criadas a partir das práticas que cercam as atividades exercidas dentro da sociedade. Scott também evidencia a ligação entre o gênero e o poder, para ela, isso é apenas uma parte da definição de gênero, de modo que se dá para sua primeira definição em relação ao poder. Desse modo, a importância do gênero muitas vezes não é explícita, mas constitui na organização de igualdade e desigualdade. Esse termo “Gênero”, no entanto, faz parte de estudos feitos por feministas contemporâneas para reivindicar essas definições sobre esses contextos, para excluir essas perspectivas que existem e consequentemente causar desigualdade que persistem entre mulheres e homens.

Podemos ver na fala da professora de capoeira Graciele alguns aspectos que associam a diferença de gênero na participação dos praticantes da capoeira, onde as pessoas veem a capoeira como uma prática cultural masculinizada:

[...] eles já dão um gênero X pra mulher, “aaa se faz capoeira é porque gosta de mulher”, que existe esses estereótipos né? “é porque não é mulher de verdade” as palavras que a gente escuta né? Então esses são alguns desafios relacionados a mulher, e também questões corporais, questão de força, mais que isso é uma coisa desenvolvida com tempo, mas a maior dificuldade é essa mesmo (CARVALHO, 2023).

Um aspecto importante em sua fala a se destacar, é quando ela fala sobre a questão dos desafios encontrados enquanto participante da capoeira, relacionando questões corporais a força, no entanto para ela a capoeira é apresentada para ser desenvolvida pelo gênero masculino, da mesma forma acontece em outros meios sociais, onde os homens são colocados como superioridade nos espaços sociais. Da mesma forma acontece na capoeira como descreve Graciele ao comentar sobre o seu processo no início para continuar na capoeira:

[...] foi um processo muito complexo no início a gente sabe que (pequena pausa) principalmente na zona rural existem é estereótipos, preconceito relacionados à mulher dentro da capoeira né... que é... o estereótipo, a capoeira é algo pra homem porque é uma luta, e aí o início foi bem complicado né...bem difícil, as pessoas não via com bons olhos mas que isso não me desmotivou a continuar dentro da capoeira e hoje [...] (CARVALHO, 2023).

A graduada e professora de capoeira Graciele retrata as questões do preconceito da presença das mulheres na capoeira, para ela a existência dos estereótipos, que colocam a capoeira ser para homem porque é uma luta, tornava-se difícil estar na capoeira, pois as pessoas não viam com bons olhos, no entanto ela destaca que essas questões não o desmotivaram continuar na capoeira. Diante de sua fala, observa-se que essas questões dos estereótipos implicam na desigualdade de gênero e dentro da capoeira isso já é recorrente desde seu contexto histórico, quantas mulheres praticantes da capoeira não tiveram reconhecimento e foram obrigadas a se caracterizar de homens para poder participar.

Ao ser questionada sobre os possíveis entraves encontrados pelas mulheres na capoeira, a entrevistada Luiza Márcia afirma que não seria um contratempo e sim sobre as necessidades de cada, pois, para ela, a capoeira seria um lugar para todos:

Sinceramente, eu acho que não é um contratempo porque a capoeira é um lugar pra todos, homem, mulher, menino, idoso, cada um nas suas necessidades, cada um nas suas limitações (SOUSA, 2023).

De acordo com Tarcísio (2016), a relação entre corpos e capoeira não se aplicava com um todo, mas sim a determinadas situações, onde a sociedade determina o papel das mulheres aos afazeres domésticos e os homens às práticas da força braçal, nessa mesma abordagem do autor, a entrevistada Luiza Márcia afirma que:

A presença da mulher na capoeira é pra quebrar mais um tabu de, de que existe desde todo o tempo, de limitar a mulher dentro do lar cuidando da casa, cuidando das crianças então, a presença da mulher na capoeira mostra que a gente pode ocupar qualquer espaço, qualquer lugar que a gente se sinta bem, se sinta confortável, e queira participar a gente pode participar, e a capoeira por ser um esporte, uma luta, uma cultura de alguns movimentos como acrobacias, de luta, é.. corpo a corpo, tem essa ideia de que seja uma coisa masculina e a, e você enxergando a presença da mulher dentro da capoeira você entende que ela pode ocupar qualquer espaço que ela se sinta bem, que ela se sinta confortável e que ela queira participar (SOUSA, 2023).

Em sua perspectiva, a capoeirista destaca que a presença da mulher na capoeira é para quebrar o tabu, uma vez que, em sua fala é colocado a questão das atividades domésticas, quando se faz certas associações a mulher com o cuidado do lar e dos filhos, fazendo com que a categoria masculina não pertença a essa associação, pois, existem expressões como, "isso não é coisa de mulher", "lugar de mulher é em casa cuidando dos filhos e da casa." Essas expressões colocam as mulheres como inferiores ao gênero masculino. Recorrente a isso, observar que no universo da capoeira o número de mulheres que se fazem presente nos grupos de capoeira, é mínimo comparado a praticantes homens. Portanto, "a inferioridade numérica e a defasagem temporal e cultural da mulher na capoeira indicam que há muito a conquistar, portanto, não é

surpreendente que elas ainda estejam definindo seu espaço dentro do universo da capoeira” (BARBOSA, 2005, p.19).

Barbosa (2005) afirma que as mulheres sempre argumentaram essa polêmica, sobre a maternidade e outros papéis, como por exemplo, os afazeres do dia a dia, o trabalho, com o fato de não lhe permitirem uma dedicação exclusiva à capoeira, como cita a entrevistada acima. Mas, para ela, existe essa questão entre a posição da mulher na capoeira e a sua ocupação no mercado de trabalho, e que apesar desses contratempos, é grande a quantidade de mulheres que conseguem conciliar essas funções e se dedicar à prática da capoeira.

A praticante de capoeira Lara Fernanda relata que sua vontade de praticar a capoeira desde pequena, porém chegou a ser impedida algumas vezes por não ter alguém para levar e sua mãe não gostar da ideia de fazer parte da capoeira por ser menina, como ela mesmo afirma:

[...] sempre tive muita, muita, muita vontade mesmo de praticar capoeira desde bem pequenininha só que no momento eu não tinha uma pessoa pra me levar. Que minha mãe não gostava muito é, da ideia de me fazer capoeira por conta que eu era menina e tem algumas pessoas que acham que a capoeira só para homens e por essa razão ela não quis me colocar [...] (PEDROSA, 2023).

Em sua fala, ao relatar que “sua mãe não gostava da ideia de fazer capoeira”, podemos observar que a prática da desigualdade de gênero tem uma influência familiar e isso percorre a partir das relações que são atrelados ao gênero, quando na criação os papéis sociais são atribuídos de formas diferentes entre mulheres e homens, onde ambos os gêneros são preparados a certas limitações.

De acordo com Barbosa (2005) a atual aceitação do público em geral e de familiares, ao aceitar a prática de mulheres na capoeira contribui com o crescente número de mulheres presente na capoeira, com exceções da década de 70, pois, era muito difícil uma mulher praticar capoeira nessa época por conta dessa aceitação:

Mestra Cigana discute as dificuldades encontradas, afirmando que existia um preconceito geral contra a capoeira e que as famílias classificavam o jogo/luta/dança/ritual como uma atividade de malandro: Era o maior vexame para a família. Uma mulher que fosse treinar capoeira, “seria mulher à-toa, vagabunda”. Uma menina de ‘boa’ família não podia nem assistir, quanto mais treinar (BARBOSA, 2005, p.15).

Essas questões colocadas pela autora sobre o preconceito em geral e a família contra a capoeira remete a fala da entrevistada, quando, ela relata que “sua mãe não gostava da ideia de fazer capoeira” e ao analisar a sua fala podemos observar que a prática da desigualdade de gênero tem uma influência familiar, isso percorre a partir das relações que são atrelados ao

gênero. Isso resulta no processo de construção das relações sociais de gênero quando na criação de papéis sociais são atribuídos de formas diferentes entre mulheres e homens, onde ambos os gêneros são preparados a certas limitações. E de acordo com a autora acima, isso acontece tanto na sociedade como na família da capoeirista que costumava rejeitar o jogo, a luta, a dança e ritual com medo de que a filha perdesse a feminilidade.

Podemos observar essa rejeição da prática da mulher na capoeira quando a capoeirista Lara Fernanda afirma ter sentido um certo julgamento na sua adolescência quando participava da capoeira e seus familiares e amigos a estranharam por praticar a capoeira sendo mulher:

[...] no início quando eu comecei a fazer algumas pessoas da minha família e alguns colegas falavam, mulher por que tu tá indo pra a capoeira... e tipo, como era uma adolescente né... de doze anos e ainda hoje acontece muito isso, algumas pessoas vem me falar, “haa e tu tá na capoeira, capoeira para homem para de fazer isso, esse teu é o lugar não é aí, tu poderia tá só estudando...” algumas pessoas acham que a capoeira atrapalha os estudos mas ela não atrapalha os estudos... mas graças a deus eu sempre tive a mente aberta, sempre soube colocar essas pessoas lugares delas, e tentava abrir a mentalidade delas para aquelas entendessem que o lugar da mulher é onde ela quiser, e se eu quero fazer capoeira é na capoeira que está e nenhum pessoa vai impedir ou atrapalhar (PEDROSA, 2023).

Essa questão do preconceito de gênero em relação a mulher e homem muitas vezes passa despercebido, mas, com os questionamentos das pessoas sobre ela praticar a capoeira e afirmar que a capoeira seria uma prática dos homens, como também achar que ela deveria está estudando, pois, a capoeira poderia atrapalhar os seus estudos. Diante dessas mentalidades ela logo sentiu um certo incômodo. Outra questão citada por ela é a associação da capoeira ao sexo masculino. Para ela, esse preconceito ainda hoje existe, mas, com a experiência que ela tinha e tem, ela sempre tenta provar ao contrário do que é colocado de forma preconceituosa sobre a mulher na capoeira.

No discurso colocado a baixo pela capoeirista Luiza Márcia, é em questão que as mentalidades importam em cima da capoeira. Uma vez que, a entrevistada cita alguns exemplos de representações que as mulheres podem ter na capoeira, como por exemplo, direcionar uma aula, tocar e cantar na capoeira. “O preconceito existe não só da mulher jogar capoeira, mas também de tocar instrumentos, cantar, etc. A Capoeira ainda é um mundo masculino, do qual a mulher se sente “permitida” a participar” de acordo com os estudos de, (Bruhns (2000) Apud Fernandes e Silva, 1991, p.3).

Hum... um preconceito de...algo que mais ou menos é passado, tipo, de uma certa geração de pessoas com a mente fechada, pra outra geração de pessoas que tem a possibilidade de não, eu não quero ir pra esse rumo, abrir mais a mentalidade e entender que a capoeira ela não é só pra homem, ela é pra mulheres e que as mulheres podem sim ser professora de capoeira, direcionar uma a aula, tocar, cantar, tá onde ela

quiser no meio da capoeira, que não é somente para homens mais como para mulheres também (PEDROSA, 2023).

Nesta fala da Lara Fernanda, podemos observar que ela fala que as pessoas precisam compreender que a capoeira é tanto para homens como mulheres, ou seja uma prática disponível a todos, ela ainda fala sobre as mulheres serem professoras na capoeira e ainda tocarem instrumentos. Morais (2009) discute que há certas impossibilidades na capoeira em relação a mulher cantar e tocar instrumentos, uma vez que alguns mestres não dão importância ao ensinar suas alunas o manejo do berimbau, por exemplo, instrumento que compõe a capoeira, ou seja, não têm a oportunidade de tocar esse instrumento na hora da roda por falta de ensinamento, o que dificulta às mulheres chegarem em uma posição de prestígio, por mais que atualmente já se vê mulheres no manejo de instrumentos nos grupos de capoeira, inclusive no berimbau. Para a autora, isso dá certo poder aos homens diante das mulheres, expressando a exclusão e a marginalização delas nesses espaços. Observa-se a violência simbólica sofrida por elas, como as músicas da capoeira se referem ou ocultam as mulheres, pela forma que são lembradas, enquanto os homens são exaltados e as mulheres são desvalorizadas.

Ao observar alguns encontros do grupo "Pró Capoeira" pude observar em algumas músicas cantadas por elas no treino, são em forma de críticas e até mesmo protestos. As músicas são em forma de memórias que relatam os desafios encontrados pelas mulheres capoeiristas que buscavam pelo seu espaço e reconhecimento.

Um dos maiores motivos de mostrar atuações de mulheres na capoeira é mostrar a força e o poder que elas possuem na sociedade. Historicamente, o lugar da mulher é marcado por inúmeras questões impostas pelo patriarcado, pois sempre que precisamos conquistar um espaço, precisamos lutar por ele, apesar de nossa força e de ser responsável por realizar inúmeras atividades tanto no pessoal, como no profissional. A capoeirista Maria Graciele em sua fala abaixo fala sobre algumas atividades que são associadas aos homens, mas que tem sido desempenhada por mulheres que enfrentam os estereótipos e as limitações impostas pelos papéis de gênero:

A gente sabe que nos dias de hoje existem mulheres fazendo os diversos tipos de trabalho que o homem faz, caminhoneira, trabalhar em roça, é trabalhar em construção tudo isso as mulheres hoje elas já mostram que são capazes e a gente já vê muitas mulheres fazendo isso, coisas que eram só dos homens, que só os homens é que tinham força, eram só os homens que tinha coragem, e hoje a gente vê as mulheres tendo o mesmo espaço que os homens e fazendo as mesmas coisas que os homens, então, isso já é exemplo do quanto que a mulher forte igual um homem [...] (CARVALHO, 2023).

Apesar de já termos conquistado diversos espaços na sociedade, como afirma a capoeirista acima, também precisamos relatar o quanto é difícil ser mulher e "ser mulher negra"

na sociedade. Sabemos que as opressões vivenciadas por essas mulheres já são de anos e anos e dentre as diversas opressões sofridas por elas estão aquelas relacionadas a classe social, raça e gênero.

De acordo com Collins (2020) algumas questões que podem ser colocadas como limitações para mulheres negras estão explícitas nas desigualdades econômicas, uma vez que enfrentam barreiras para ter acesso ao mercado de trabalho, como um emprego seguro e com grandes benefícios. A autora ainda cita alguns aspectos, como a cor da pele, a textura do cabelo e várias outras características físicas que são definidos como marcadores raciais na qual contribuem para a má distribuição de educação, emprego e outros bens sociais.

As mulheres negras desafiaram essas interconexões históricas entre ideias de raça e projeto de construção de nação do Brasil como cenário de apagamento das mulheres afro-brasileiras (COLLINS, 2020, p.40). A autora nos afirma que as questões que atingem as mulheres negras foram preteridas mesmo dentro de movimentos feministas, pois dentro dos movimentos sociais não poderiam ser abordados todos os tipos de discriminações, ficando excluídas as pautas das mulheres negras:

A aparência não apenas carrega um peso diferencial para homens e mulheres, mas diferentes estereótipos relacionados às mulheres negras se apoiam em crenças sobre sua sexualidade. Essas ideias remontam às noções de identidade nacional, usando raça, gênero, sexualidade e cor como fenômenos interseccionais. (COLLINS, 2020, p.42).

Ao fazer a pesquisa de campo, observando alguns treinos de grupos de capoeira pude observar que hoje a presença da mulher na capoeira é bem maior e o quanto é importante a presença delas nesses espaços assim como também afirma a capoeirista Lara Fernanda ao ser questionada sobre a importância da presença feminina na capoeira:

De extrema importância, a mulher na capoeira ela transmitir força, empoderamento, inclusão, ela consegue influenciar outras meninas que tem vontade de fazer capoeira, mas, que às vezes por essas pessoas como já citei de mente fechada, vim com essas conversas de que capoeira é pra homem, às vezes meio que entra na cabeça de algumas meninas e elas não conseguem entrar na capoeira por achar que a capoeira é só pra um homem que ela não vai evoluir, e é nisso que quando ela vê outras mulheres fazendo capoeira essas meninas, e diversas outras meninas, e mulheres adultas, às vezes até mulheres idosas elas se sentem motivadas a praticar a capoeira, e isso influenciam com que o número das mulheres aumente significativamente também, então é muito importante a presença da mulher dentro capoeira. (PEDROSA, 2023).

De acordo com sua fala, ela destaca alguns conceitos que nomeiam a presença feminina na capoeira, como empoderamento, inclusão, força e também fala sobre a presença feminina na capoeira ser um incentivo para outras mulheres, principalmente as mulheres que são influenciadas por essas mentalidades criadas pela sociedade. Por isso a importância de ressaltar as mulheres que conquistaram e conquistam seus espaços na sociedade, o que de fato

ajuda no incentivo de nós mulheres a buscarmos por um determinado espaço, como também a mostrar a força que tem. E diante de sua fala, podemos destacar também que a atuação de mulheres na capoeira é de extrema importância para construção de identidade e espaço. Collins (2020) também afirma que a interseccionalidade é utilizada como ferramenta analítica de resolução de problemas e para as mulheres negras não seria diferente pois elas buscavam trabalhar a interseccionalidade para superar esses desafios.

Ao analisarmos as falas das entrevistadas em questão de gênero, percebemos o quanto esse conceito de gênero influencia nas barreiras encontradas por elas na capoeira e diante desses estudos podemos concluir que há uma necessidade grande em desfazer essas concepções que são criadas a partir das questões de raça e gênero dentro de uma sociedade. Vimos que ainda hoje é preciso lutar em busca de igualdade, sendo que esse é um direito que toda e qualquer pessoa deve ter independentemente do gênero, raça, cor e vários outros aspectos. Em meio a esses aspectos colocados pelas entrevistadas, também buscamos desenvolver o conceito de raça dentro da capoeira.

6. Uma Perspectiva Racial na Capoeira

Dentre as perspectivas acima, podemos observar durante o estudo sobre a história da capoeira, que ao longo de sua trajetória ela desenvolveu uma história representada pela luta e resistência. E que até então, desde sua criação diversos aspectos contribuíram na construção de sua história, uma vez que foram esses aspectos que desenvolveram essa luta e essa resistência. Portanto, além das narrativas colocadas acima sobre questões de gênero, também apresentaremos um diálogo relacionando-o à capoeira e ao racismo que também até hoje é um aspecto que está enraizado na sociedade e na história da capoeira. Para isso, buscamos estudar as perspectivas das entrevistadas juntamente com autores que estudam sobre perspectivas de raça.

De acordo com Ratts (2006), ao dialogar com a produção de Beatriz Nascimento entre os anos de 1974 e 1990, ele busca trazer várias questões que permeiam o racismo, como práticas racistas que percorrem a sociedade brasileira contra a população negra. Dessa forma, o autor descreve as formas que o racismo acontece a partir de variados contextos. Para o autor, há uma certa preocupação na ausência de publicações com temas sobre a história da população negra na academia brasileira e o pouco que tem, é mínima. Essa ausência de publicações nos faz refletir a partir da fala da capoeirista, Luiza Marcia:

Pouco se fala né da capoeira nos livros, e revistas, de tudo, e muito do que se fala não é o que verdadeiramente com foi o surgimento dela né, mas graças a toda, a todas as conversas que a gente tem durante as aulas com os nossos professores com os nossos mestres a gente obtém muito conhecimento [...] (SOUSA 2023).

Na fala da capoeirista podemos identificar um certo desconforto sobre essa ausência da história da capoeira nos livros, revistas, como a mesma citou. Ela ainda afirma que o que muito se fala sobre seu surgimento não é verdadeiro. De acordo com Brito e Granada (2020), a primeira vez que a capoeira apareceu em relatos foi no século XIX. Ao refletirmos sobre isso, é que, assim como muitas histórias que partiram de contextos da escravidão, da cultura negra que foram silenciadas, da mesma forma acontece com diversos autores(as) negros, que tem suas publicações excluídas, pelo simples fato de ser negro(a), como é o caso da autora Beatriz Nascimento.

Portanto, na capoeira não foi diferente, percebemos essa diferenciação racista desde início, quando se nota uma certa ausência ao buscarmos estudar fatos sobre a sua origem, quando mulheres negras são silenciadas, excluídas dos processos históricos da capoeira, a pouca presença da população branca na prática da capoeira. No entanto, esses são alguns pontos que nos permitem observar questões que percorrem o racismo de acordo com a análise de Ratts:

Podemos identificar nesse “grupo” uma postura radical em face da academia e dirigida sobretudo aos intelectuais brancos que estavam à frente dos estudos de relações raciais, uma crítica ao teor dessa produção e a denúncia da falta de espaço para negros e negras nesse campo e para certas temáticas como quilombo ou mulher negra (RATTS, 2006, p.28).

Ao falarmos sobre a ausência de publicações da população negra, nos leva a refletir sobre a pouca presença de mulheres na capoeira, como afirma a professora de capoeira Graciele:

Eu acredito que ainda seja pouca sim, ainda, ainda não é o esperado mas eu acredito que já houve uma grande evolução um momento muito grande da presença feminina, a nossa escola por exemplo, é muito grande a quantidade de mulheres que já há aqui dentro da cidade de Oeiras [...] (CARVALHO, 2023).

Na fala da capoeirista Graciele, ao ser questionada sobre considerar pouco a presença feminina nas rodas de capoeiras em Oeiras, a capoeirista diz “ainda ser pouca, que ainda não é o esperado, apesar de já ter tido uma grande evolução”. Portanto, essa pouca presença de mulheres citada por ela, reflete sobretudo nas questões da diferença de raça entre mulheres brancas e mulheres negras, uma vez que, ao observar o meio da capoeira notamos uma grande diferença na participação entre mulheres brancas e mulheres negras na capoeira. Collins e Bilge (2020) afirma que, de acordo com a filosofia nacionalista negra pressupõe que a população branca enquanto grupo tem um poder de superioridade, isso acontece quando pouco se vê a integração da população branca, com a população negra. A autora ainda afirma, que a filosofia

nacionalista também apoia a superioridade negra em relação aos brancos, em sua análise isso acontece por conta dos sofrimentos dos negros.

Além disso, a professora Graciele ainda justifica o porquê a capoeira ser mais praticada por pessoas negras:

Ela é mais praticada por pessoas negras porque ela é uma cultura negra que foram os negros escravizados que trouxeram ela pro Brasil, e o negro ele tem esse desejo de repassar a sua cultura, por isso que muitas vezes ela mais valorizado por um negro ou ela é mais praticada pelos negros porque os negros sabem de toda a história, sabem de todo contexto, e querem repassar a sua história, a sua ancestralidade pra, pra mais pessoas. Então, a consciência do negro é o que faz ser mais praticada pelos negros... (CARVALHO, 2023).

Para a capoeirista Graciele, o negro tem o desejo de repassar sua cultura, por isso ela é mais praticada e valorizada pelos negros, como ela cita acima. Brito e Granado (2020) descrevem que a capoeira está relacionada ao contexto da escravidão, pois originou-se nesse contexto. Com isso, no XIX, com a permanência da escravidão e causou diferença na população. Sobretudo, nessa época ocorria a abolição da escravidão no Brasil, portanto, diversas doutrinas eram criadas, onde as classificações humanas eram divididas em diferentes raças, de um lado estava os brancos e de outro os negros. Essa divisão hierarquizada abarcou bens materiais e culturais abarcando a contemporaneidade brasileira.

Na análise feita por Collins e Bilge (2020) sobre a filosofia nacionalista já existia desde a origem da capoeira. Então, a análise feita pela capoeirista Graciele sobre a prática da capoeira ser mais desenvolvida pelos negros, se relacionam com práticas racistas que percorreram no surgimento da capoeira, sendo o racismo colocado como crime pela constituição de 1988. Nessa fala colocada por Graciele, sobre a consciência da população negra e a valorização de sua cultura, é um dos motivos da grande presença da população negra na prática da capoeira, o que faz total sentido, portanto,, é de extrema importância falar sobre a capoeira como papel do combate ao racismo, como relata a capoeirista Luiza Márcia:

A capoeira dentro do combate ao racismo ela mostra que qualquer pessoa pode participar da capoeira, e ela mostra, mostra que nós que fazemos capoeira independente da nossa cor somos todos iguais. É uma sociedade racista que nunca vai mudar infelizmente, mas a capoeira ela mostra isso porque se você observar um grupo, uma escola de capoeira você ver pessoas negras, pessoas brancas, pardas, ruivas, loiras, e aí esse processo de, esse combate ao racismo é justamente essa ideia, se você pegar uma foto de um grupo de capoeira você vê pessoas de várias cores, e ali você vê que eles são todos iguais naquela foto, são as mesmas pessoas, tem os mesmos direitos, então, eu acho que representa muito o combate ao racismo (SOUSA, 2023).

Nesta fala, da capoeirista Luiza Márcia, ao ser questionada sobre o papel da capoeira no combate ao racismo, podemos observar em suas palavras que para ela a capoeira pode ser

um espaço de combate ao racismo, ela descreve ainda que dentro dos grupos de capoeira podemos observar diversos praticantes e que apesar do racismo ainda está presente nas sociedades os grupos de capoeiras podem ser um meio para diminuir esse preconceito racial. Pedrosa (2023) também fala sobre a capoeira como combate ao racismo onde afirma que a capoeira “Tem um papel extremamente importante de inclusão, luta e resistência, é uma arte cheia de representatividade e força.”

Para a professora de capoeira Maria Graciela a capoeira também combate ao racismo e preconceito, e ela ainda descreve que a capoeira tem objetivo em combater esses embates através de projetos, como eventos com esses temas sociais, como ela afirma abaixo:

A capoeira ela tem um papel essencial, porque os capoeiristas transmitem todo o contexto histórico, repasse o contexto histórico, e dentro das ações, as nossas ações elas são voltados pra combater, preconceito, racismo, discriminação então, o nosso objetivo também de todas as coisas que a gente desenvolve, de projetos que a gente desenvolve em vários locais dos festivais que a gente produz, que a gente produz várias temáticas sociais dentro dos nossos eventos, palestras, é combater toda forma de preconceito e desigualdade (CARVALHO, 2023).

Outra face do que pesa sobre a capoeira, é o racismo religioso como relata abaixo a capoeirista e professora Graciele:

Olha, as pessoas ainda por não conhecerem a capoeira, a essência realmente da capoeira, por não conhecer a história da capoeira realmente elas fazem referência a determinadas religiões né... por que? Primeiro pelo, pelo um dos instrumentos que são, que é utilizado dentro da capoeira que é chamado de atabaque, e muitas pessoas confundem com o tambor que é utilizada em algumas religiões, que esse instrumento é um instrumento que ele foi aperfeiçoado por um mestre de capoeira, e foi colocado, introduzido, mas a capoeira, dentro da capoeira não existe religião (CARVALHO, 2023).

Como já foi dito por ela, a capoeira sofre alguns preconceitos religiosos e na sua concepção, uma questão que pode levar isso a acontecer é a falta de conhecimento da história da capoeira que faz com que algumas pessoas acabem fazendo referências a capoeira com algumas religiões. Ela cita um exemplo, que é comparar um dos instrumentos utilizado na capoeira, o “atabaque” que é comparado com o tambor utilizados em algumas religiões afro-brasileiras.

Santos (2022) afirma que o racismo está relacionado principalmente a população negra ou não branca e que isso seria uma das razões para que o racismo existe nas várias camadas de violência e isso acaba atingindo as chamadas de minoria, silenciando narrativas de histórias e políticas. Outro fator que se aproxima ao racismo é a priorização da população branca, na qual acabam priorizando a população branca como se elas fossem uma maioria no mundo e os demais uma minoria. A autora descreve que algumas doutrinas comparam o racismo a uma doença e que nas perspectivas antirracista seria fácil elimina-lo. Mas, no seu ponto de vista,

seria simples buscar uma cura para o racismo se realmente fosse uma doença, mas na verdade não é uma tarefa fácil pois não está se tratando de uma doença e sim de um sistema de poder que precisa ser trabalhado e transformado.

Além do combate ao racismo a capoeira também está presente na construção de identidade, com relata a capoeirista abaixo ao ser questionada sobre o seu processo de aproximação com a capoeira e o que a capoeira contribuem em sua vida, a capoeirista Lara Fernanda relata que:

A capoeira foi é, e sempre será primordial na construção da minha identidade, tanto como ser humano como já disse, e como capoeirista, me ajudou a crescer, evoluir, ter mais maturidade, responsabilidade, um maior amadurecimento entre muitos outros valores e benefícios que a capoeira me trouxe e traz (PEDROSA, 2023).

Podemos observar na fala da capoeirista Lara Fernanda o quanto a capoeira foi primordial na sua construção de identidade, ela também descreve alguns fatores que foram contribuídos através da capoeira, como amadurecimento, evolução e maturidade...e isso nos diz muito sobre identificar-se com a capoeira, como a mesma falou, a capoeira está presente na sua transformação. Podemos observar uma relação na sua fala com os pensamentos de Ratts sobre Beatriz Nascimento, onde ele afirma que:

...é a interrelação entre corpo, espaço e identidade que pode ser refeita por aquele(a) que busca tornar-se pessoa (e não coisa): no quilombo, na casa de culto afro-brasileiro, num espaço de encontro e/ou diversão, no movimento negro, diante do espelho ou de uma fotografia (RATTS, 2006, p. 66).

Portanto, suas narrativas concluem que as relações de corpo, espaço e identidade, fazem com que as pessoas sejam reconhecidas como pessoas, seja espaços ou sociabilidades e mobilização de pessoas negras. Na capoeira não seria diferente, pois, para a capoeirista Lara Fernanda na capoeira foram encontrados valores e benefícios, pois, nos grupos de capoeiras é comum encontrarmos uma variedade de pessoas de diversas faixas etárias e gêneros, inclusive, mulheres que sempre estão buscando reconhecimento por suas histórias. Nos grupos de capoeira, as mulheres garantem esse reconhecimento, são respeitadas, valorizadas e ainda garantem seus espaços. Podemos observar uma valorização cultural na capoeira a partir de sua contextualização e de sua construção de identidade. Na capoeira também encontramos, através das músicas cantadas nos grupos de capoeira, um resgate de memória de sua história, onde eles cantam e demonstram fortes expressões.

Pedrosa (2023) afirma que, “a capoeira ela é afro-brasileira e foi criado para os negros escravizados se defenderem das violências dos senhores dos engenhos como forma de defesa luta e resistência.” Ou seja, a capoeira ela sempre vai está ligada a cultura afro-brasileira e os negros a sua criação. Para ela, os negros escravizados usaram a capoeira para se defenderem de

seus senhores e utilizaram como forma de resistências. Além desse enfrentamento da população negra na capoeira, ainda hoje na sociedade os negros buscam lutar por seus espaços, seja ele, na educação, na política ou ambientes de sociabilidades, que até então são minorias que ocupam esses cargos e espaços.

De acordo com Ratts (2006) em sua análise sobre as perspectivas da autora Beatriz Nascimento, que destacam o quilombamento denominado por vários nomes, inclusive, quilombo, agrupamento ou grupo que eram protagonizados por negros nos séculos XVIII e XIX. Para ela, esses grupos buscavam por liberdade, tempo, espaço, paz e não apenas uma “fuga”, e que o quilombamento tem uma história. Na mesma época já existiam os grupos de capoeira e podemos dizer que ela fazia parte desse quilombamento, pois buscavam pelos mesmos princípios, assim como fala a capoeirista acima. A capoeira além de ter sido usada pelos escravizados como defesa contra seus senhores, também foi utilizada como luta em busca da igualdade racial e espaços sociais.

Ainda devemos destacar que, de acordo com Beatriz Nascimento, “...a existência do fenômeno do quilombamento durante a escravidão e em quase todas as regiões brasileiras, mesmo naquelas onde o regime escravista não possui maior significação” (NASCIMENTO, 2006, p.57). Ou seja, mesmo contexto em que consistia a capoeira como afirma a capoeirista abaixo:

...a capoeira, ela, ela vem né do da África é... dos negros africanos, ela vem dos escravos...a capoeira na época da escravidão ela serviu como um refúgio pra os negros escravizados porque os negros sofriam muito como todos nós sabemos sofreram várias várias torturas psicológicas e físicas e, os negros vindos da África trouxeram a capoeira aqui pro brasil... (CARVALHO, 2023).

A partir dessas narrativas e o fato de a capoeira sempre estar ligada aos negros, ainda hoje podemos afirmar que a capoeira carrega os mesmos princípios de quilombamento descrito acima por Beatriz Nascimento em contexto ao que foi relatado também acima pela professora e capoeirista Maria Graciele, ela ainda descreve a capoeira como movimento de força, principalmente para as mulheres:

a capoeira ela mostra o quanto nós somos fortes, o quanto a gente pode se reinventar, o quanto que nós podemos ir além muito mais do que nós imaginamos, o quanto que nós somos fortes e não somos nada de sexo frágil né como dizem... então eu incentivo o máximo mulheres a se aproximarem e sentirem a transformação que a capoeira pode trazer pra vida de todas nós (CARVALHO, 2023).

E ainda quando questionada sobre o objetivo do grupo de capoeira só de mulheres do grupo “Pro-capoeira” um dos propósitos da Professora de capoeira Maria Graciele descrito na

entrevista é desenvolver o empoderamento feminino e realizar uma rede de apoio entre mulheres, como ela mesma descreve:

Meu propósito em iniciar esse projeto só de mulheres foi desenvolver uma rede de apoio, rede de apoio como? é, mulheres dentro de um espaço que se ajudam, que contribuem, que se entendem... a presença feminina não era muito grande então o meu pensamento foi criar uma rede de apoio pras mulheres, porque muitas mulheres por vários fatores acabam saindo da capoeira, preconceito, e vários fatores, e dificuldades .E o objetivo é segurar essas mulheres, manter essas mulheres, contribuir de forma, tanto na capoeira como pessoal e também desenvolver o empoderamento femininos (feminino) e buscar excluir cada vez o machismo que ainda existe dentro da sociedade (CARVALHO, 2023).

Desse modo, esses são mais alguns pontos observados na fala da capoeirista sobre a capoeira e mulheres na capoeira que se relacionam com as reflexões feitas por Ratts (2006) sobre Beatriz Nascimento, que é assumir história com significados de resistência, e ela demonstra isso quando ela fala sobre lutar por espaços e excluir o machismo na sociedade. Alex Ratts, no texto sobre A Trajetória de Beatriz Nascimento ainda afirma que:

O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espe-lho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias (RATTS, 2006, p.68).

Nas perspectivas de Ratts (2006), é o corpo que transmite vários significados e que a busca pelos espaços e manifestações não se constituem apenas por encontros corporais, mas sim, pelos reencontros entre pessoas de diversas categorias raciais, físicas e histórias. E em suas perspectivas a capoeira representa isso, desde sua história, origem e os objetivos que englobam a capoeira como um todo. “Tudo me atrai, a capoeira por completo, por um todo, desde a história, a origem dela, os movimentos, a musicalidade, a instrumentalidade, a capoeira como um tudo” (PEDROSA, 2023).

São vários benefícios, começando pelo respeito porque dentro da capoeira existe a hierarquia que a gente aprende a respeitar quem está ali de nosso lado, quem está acima de nós, além do respeito a gente aprende a igualdade que sabemos que tem pessoas dentro da escola com a graduação acima da gente pelo respeito, mas sabemos que somos todos iguais, a gente pensa no coletivo porque a gente sabe que tudo que a gente faz é pelo bem comum, pelo bem da escola a gente aprende a acolher as pessoas, a ouvir, saber se alguém chega triste, se alguém chega cabisbaixa a gente quer saber o que aquela tá sentindo, se tem um problema a gente quer ajudar. Então favorece muito a sociedade (SOUSA, 2023).

Em sua fala acima ao ser questionada sobre os benefícios da capoeira, a capoeirista Lara Fernanda relata diversos benefícios que fazem parte da capoeira, como respeito, igualdade e ela ainda fala sobre hierarquia que nos remete a palavra poder e os grupos de capoeiras representam muito isso, pois, os grupos de capoeiras, desde início de sua história, têm uma

representatividade de luta em busca pela igualdade racial, além de contribuir na conquista aos espaços sociais. Essas relações de poder abordadas por ela são resultado de uma evolução da capoeira enquanto grupo buscando significados positivos sobre a capoeira.

A capoeirista Lara Fernanda ainda descreve o que lhe atrai na capoeira e para ela seria a composição de tudo que envolva a capoeira, desde sua prática a sua composição que envolvem música, instrumentalidade e corpo a corpo. Ela ainda cita o fato de toda essa composição exigir dedicação em aprender:

Tudo, porque é juntando tudo, a composição de tudo que forma o que a capoeira é né, desde a parte de instrumento que, é... faz você, busca muito assim, da sua, é... (pausa para pensar) porque a capoeira ela faz com que você se desenvolveu basta né, tanto da parte de instrumento que exige dedicação pra você aprender quanto na musicalidade que traz uma energia muito boa, muito positivo pra a gente que tá dentro de uma roda de capoeira como tudo, a movimentação que ajuda muito a gente no.. com o trabalho corporal, então tudo que envolve a capoeira, a musicalidade, os instrumentos os movimentos pra mim é tudo que me atrai é todo o conjunto que me atrai na capoeira (SOUSA, 2023).

Ferreira (2016), afirma que definir a capoeira é um pouco trabalhoso pois ela se ajusta em diversas categorias dificultando o seu processo de descrição. Mas, ela se torna importante e significativa pela a sua composição de arte, música, luta e dança que faz com que essas características fazem com que aumente número de praticantes da capoeira como também contribui na sua aceitação.

Para os autores Oliveira e Leal (2009), na capoeira há uma variação de significados e interesses que são demonstrados através de discursos como também suas características que vão se modificando com o tempo desde de início de sua história. A capoeira, no entanto, é uma reinvenção cultural e que a cada momento histórico na sua prática ela se ressignifica e que cria suas próprias características. Dessa forma, podemos observar que as definições da capoeira e dos benefícios da capoeira variam de pessoa para pessoa e cada um tem uma narrativa diferente.

De acordo com os apontamentos de Nascimento (2006), ao falar sobre Quilombos, nome pelo qual eram chamados os grupos que atuavam em forma de resistência, ela explica que seus conceitos, características e denominações mudaram. E hoje podemos observar que mesmo com algumas mudanças, esses grupos lutam pelos mesmos direitos. E assim como vários movimentos existentes no Brasil, a capoeira é um movimento de âmbito social e político que carrega uma história de representação dos negros que buscou pelos seus direitos de cidadania. Para a autora, em considerações dos termos Quilombos no Brasil, os grupos atuais que antes eram chamados de Quilombos se desfizeram do seu antigo modelo e buscam outros caminhos de acordo com suas necessidades e territórios. Ela ainda destaca a importância de estudar sobre

a continuidade histórica que esses quilombos carregam. Com isso, o conceito histórico da cultura da capoeira torna-se um elemento essencial para a construção histórica dos quilombos e suas redefinições da atualidade. A partir disso podemos observar que a capoeira busca trazer traços do quilombo.

Na fala abaixo da capoeirista Luiza Márcia, podemos observar que a mesma faz alguns apontamentos da relação dos negros com a capoeira:

Foram através dos negros que surgiu a capoeira, ela surge em solo brasileiro mas foi através dos negros escravizados no Brasil que a capoeira surgiu, foi, foi através deles como uma forma de resistência que eles começaram a utilizar movimentos de danças que eles trouxeram da África e aqui eles foram formando a luta que hoje é a capoeira pra se defender da opressão que eles viviam, então eles foram o papel fundamental porque foi através deles que surgiu a capoeira né (SOUSA, 2023).

"Numerosas foram as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na luta árdua pela manutenção da sua identidade pessoal e histórico." (NASCIMENTO, 2006, p.117.) Nesse ponto de vista de Beatriz Nascimento, podemos observar a importância do que foram as formas de resistências utilizadas pelos negros e quanto elas foram importantes para suas construções de identidades pessoal e histórica. Da mesma forma aconteceu e acontece até hoje como afirma a capoeirista ao falar sobre a relação dos negros com a capoeira. Ela descreve que a capoeira surgiu através dos negros como forma de resistência a opressão na qual os negros viviam. Ela ainda destaca o papel fundamental que eles têm na capoeira pelo seu surgimento.

Nascimento (1982) afirma que no Brasil existem movimentos que no âmbito social e político são o objetivo de estudo, e um deles trata-se do quilombo que tem uma representação é um marco na história do povo que buscou por uma resistência e organização. E para ela todas as formas de resistências são compreendidas como história dos Negros no Brasil. E hoje podemos ver a capoeira como um grupo com características de um quilombo, onde as pessoas buscam por direitos, igualdade e espaços. Podemos observar isso na fala da capoeirista Lara Fernanda, ao descrever alguns benefícios que a capoeira traz para sociedade, na qual ela destaca palavras como inclusão, força, respeito e união, como podemos observar em sua fala abaixo:

A inclusão, porque a capoeira é para todos, tem benefícios tanto físicos, quanto mentais e sociais, da mais força, flexibilidade, condicionamento físico, auto confiança, respeito, união, companheirismo, uma saúde melhor, uma forma de educar principalmente as crianças, e jovens mais vulneráveis entre muitos e muitos e muitos outros benefícios que a capoeira nos traz (PEDROSA, 2023).

Nascimento (2006) em um de seus apontamentos discute sobre o quilombo como símbolo de resistência. Dentre as características dada por ela sobre quilombo em seu estudo, a autora faz algumas relações do que seria esse quilombo e uma delas foi a associar o Quilombo (Kilombo) a várias questões, como resistência, territórios, agrupamentos, negros, escravizados

e vários outros. Portanto, em análise, essas são as mesmas características que seguem a mesma linhagem da história e trajetória da capoeira, então, podemos dizer que a capoeira surgiu em meio ao quilombo naquela época, como também foi importante para o processo de quilombo ou aquilombamento. Por tudo isto o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto-afirmação étnica e nacional (NASCIMENTO, 2006, p.125).

7. Considerações finais

Tendo em vista os aspectos apresentados na pesquisa sobre a presença das mulheres na capoeira em Oeiras - Piauí, percebemos o quanto os conceitos de Gênero e Raça influenciam diretamente ao público feminino nos respectivos movimentos dentro de uma sociedade, tendo em vista que na capoeira não seria diferente. Podemos perceber isso nas narrativas das capoeiristas que foram analisadas e nos respectivos textos acima citados.

Buscamos dividir o trabalho abordando tanto o contexto histórico da capoeira no Brasil, como ela surgiu na cidade de Oeiras, como as mulheres se inseriram nesse espaço, de que forma os conceitos de Gênero e Raça impactam a tomada de decisões dos grupos dominantes sobre o feminino. Foi possível compreender a importância da inserção da mulher nos espaços sociais e quais os obstáculos enfrentados por elas para terem o devido reconhecimento de suas trajetórias enquanto capoeiristas e também a necessidade de união de forças para que a figura feminina desempenhe papéis, seja o qual for, na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Refletimos também sobre a importância da ocupação desses espaços pelas mulheres e de que forma a sociedade de modo geral pode estar contribuindo para seu reconhecimento devido. Além do mais, verificamos que a figura feminina ao longo da história foi sendo marcada por estereótipos e submetida a situações de conflitos. Por meio da capoeira, elas encontraram uma forma de luta, resistência e ocupação de espaços que até então lhes eram negados. Refletimos também sobre a diferença que há entre as mulheres brancas e as mulheres negras na capoeira.

A partir das narrativas trazidas por essas mulheres capoeiristas percebemos que são vários os desafios encontrados por essas mulheres na capoeira. Dentre os aspectos das relações de gênero colocadas por ela, estão os estereótipos femininos onde as pessoas vêem a capoeira como uma prática cultural masculinizada e são essas associações que implicam para essa desigualdade de gênero.

Nos aspectos apresentados sobre raça, concluímos que na capoeira, são encontradas nas narrativas das entrevistadas formas que se classificam como racismo. Uma delas é a ausência de materiais sobre história da cultura da capoeira e isso de acordo com as narrativas se faz pelo contexto da capoeira na escravidão e na cultura negra. Da mesma forma aconteceu com mulheres negras que foram silenciadas do processo histórico da capoeira. Ainda observamos que na prática da capoeira é pouca a integração da população branca com a população negra. Por fim, concluímos que essa prática cultural é mais valorizada pelos negros.

Antes de realizar a pesquisa fui a alguns treinos da capoeira desse grupo e a partir dessa observação e várias outras, partimos para o processo das entrevistas que foram realizadas por três mulheres capoeiristas, que através de perguntas sobre a temática trabalhada desenvolvemos um estudo sobre fatos e narrativas sobre a presença dessas mulheres na capoeira, que juntamente com textos temáticos, teóricos e metodológicos foi possível realizar a pesquisa e concluir que a capoeira é uma prática cultural essencial na sociedade e para sociedade, visto que, a capoeira representa para essas mulheres, igualdade entre os gêneros e rompem preconceitos que são reproduzidos dentro de uma sociedade.

Percebemos que os grupos de capoeiras, enquanto espaços de aquilombamento, tem um grande significado para a população negra, incluindo as mulheres, uma vez que, nas narrativas das entrevistadas elas sempre deixam claro que a capoeira é significativa para elas e para os negros. Nos grupos de capoeira encontra-se também uma grande representatividade da população negra, na qual sempre estão buscando lutar e resistir aos que contrariam essa população.

Ao realizar essa pesquisa, me proporcionou um grande aprendizado, a partir da importância de lutarmos pelos nossos direitos quanto às mulheres. Além disso, que a inclusão, respeito e igualdade são princípios que se criam através de um grupo. Portanto, essa pesquisa é de extrema importância e enriquecedora para a sociedade e no âmbito acadêmico, uma vez que ela traz diversas possibilidades de se aprofundar sobre a contextualização histórica da capoeira, assim como a importância dos estudos de raça e gênero, sobretudo as mulheres que tem um significativo papel dentro da sociedade.

FONTES

Entrevistas

MARIA GRACIELE SOUSA CARVALHO. **Entrevista concedida a Thainá Rodrigues da Silva.** Presencial, em 13 de novembro de 2023. Duração de 42 minutos e 45 segundos.

LUIZA MÁRCIA SILVA SOUSA. **Entrevista concedida a Thainá Rodrigues da Silva.** Presencial, em 13 de novembro de 2023. Duração de 18 minutos e 15 segundos.

LARA FERNANDA NASCIMENTO PEDROSA. **Entrevista concedida a Thainá Rodrigues da Silva.** Presencial, em 13 de novembro de 2023. Duração de 18 minutos e 5 segundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. **Projeto de pesquisa.** - 3. Edit. Rio de Janeiro- Editora FGV, 2005.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. **Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 54-73, dez. 2015.

ARAÚJO, Edimara de Sousa Silva. **A construção de identidade dos capoeiristas da cidade de oeiras-pi (1980-2021).** Oeiras: Trabalho de Conclusão de Curso, 2021.

ARAÚJO, Márcia da Guia da Silva. **A AUSÊNCIA FEMININA NA PROCISSÃO DE FOGARÉU A PARTIR DO OLHAR DE TRÊS MULHERES OEIRENSE.** Oeiras: Trabalho de Conclusão de Curso, 2021.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **A mulher na capoeira.** Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies. Vol. 4, 2005.

BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel. **CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE: ESTUDO SOBRE A CAPOEIRA NA CONTEMPORANEIDADE.** Teresina: EDUFPI, 2020, 189p.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

COUTINHO, Adriana; FONTOURA, Raquel. **História da Capoeira.** História: Maringá, v. 13, n. 2 p. 141-150, 2002.

FERREIRA, Tarcísio José. **A CAPOEIRA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira.** 2016.

FIGUERÔA, Katiuscia Mello et al. **Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira.** The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE), v. 4, n. 2,. P. 16-31, 2014.

FILHO, Nemezio. **Para além do conceito de “raça”.** Revista Científica de Información y Comunicación: Sevilla, 2006

GOME, Evelin Silva; ROQUE, Luis Alberto; NAKAMURA, Ulysses Meiwa. **CAPOEIRA: DE LUTA MARGINALIZADA A PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO.** Artigo apresentado no VI Seminário de Pesquisas e TCC da FUG 2013.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.** Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

MORAIS, Vanessa Coêlho. **VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA CAPOEIRA**. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, ano 6, volume 6(1), 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. In: RATTTS, Alex. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Capoeira, identidade e gênero: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Katia Linhaus de. **FRÁGIL. QUEM? O CORPO E A MULHERIDADE NA CAPOEIRA**. *Porto Das Letras*, 9(1), 182–204. 2023. <https://doi.org/10.20873.fqo1>.

POLLAK, Michel. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SILVA, Elisalice O. **O papel da mulher na sociedade oeirense a partir das publicações do jornal o cometa, 1971-1975**. Oeiras: Trabalho de Conclusão de Curso, 2021.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Eliane G. R. Silva. **Capoeira: sua História e as Relações de Gênero**. Ensaio. Rio de Janeiro: ANPUH, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análises históricas. Gênero e a política da história**. Nova York, Columbia University Press. p. 1-31, 1989.